

APRESENTAÇÃO DO LIVRO

BRUNO FRANGUELLI, SJ

Ele estava no seu quarto, sozinho, longe dos seus. Aquele dia era tão diverso daqueles primeiros, em que a euforia juvenil e a alegria por entrar na Companhia de Jesus possuíam seu coração. Sentia fortes dores nas costas. Mas aquelas não eram tão profundas quanto o medo que insistia apoderar-se do seu jovem coração. Será mesmo que Deus me chamou? Ou tudo isso é uma mera ilusão de um sonho que eu mesmo alimentei? Se Deus realmente chamou-me a segui-lo bem de perto como permitiu que estas dores quase insuportáveis tomassem meu corpo? Essas, provavelmente, eram apenas algumas das tantas perguntas que quase sufocaram o coração do jovem José de Anchieta logo após sentir sua vocação ser ameaçada por aquela doença desconhecida.

Queridos irmãos e irmãs, esta história poderia acabar ali, naquele quarto em Coimbra, mas não. Naquele momento difícil, de dúvida, de aparente fracasso, de encontro cruel com a própria debilidade era forjado o homem que, dentro de alguns meses, colocaria seus pés numa caravela e partiria para sempre a fim de dar a vida pela nossa nação. Era daquela experiência difícil de “noites aparentemente infecundas, gastas em vão, sem sucesso de peixes”, que o coração do jovem se fortificava para suportar as mais duras lutas por amor ao nosso país.

Daquela enfermidade, adquirida nos átrios de sua juventude, Anchieta jamais curou-se. Talvez nunca tenha pedido tal milagre a Deus. Não tinha tempo para dar atenção à sua dor. Estava muito ocupado em amar. De fato, um pouco antes de sua viagem definitiva

ele afirmou que se ao menos fosse capaz de ensinar o Pai Nosso e a Ave Maria aos indígenas, já se sentiria satisfeito com a sua missão. Segundo seus principais biógrafos, Anchieta era tão interessado em aprender o Tupi que até imitava os cachorros para atraír a atenção das crianças a fim de que estas o ajudassem a aprender a balbucear seu idioma. Mas ele foi mais longe, ele ensinou o Evangelho a uma Nação. Ensinou-nos a juntar as mãos e olhar para o céu. E a contemplar nas estrelas um dos mais belos eventos do amor apaixonado de Deus por nós. Seu zelo plantou o Evangelho para sempre no coração de cada brasileiro. Sua criatividade apaixonada desenhou os primeiros rabiscos da nossa cultura tão cheia de imaginação, de sonhos e de paixão pela vida. Não podemos negar, ou melhor, seria maravilhoso se afirmássemos com olhos reluzentes que nossas raízes brasileiras são indígenas e traços delas permanecem e são evidentes em nós, na nossa alegria contagiante, no nosso amor à liberdade, na paixão pela música e pela dança, no nosso sagrado respeito e apreço ao diferente.

Anchieta, cedo apaixonou-se por nosso país, pelos que ali habitavam, pela língua e o modo de ser deles. Reconhecia que o Espírito já havia semeado naqueles seres humanos o seu amor e que o ofício do apóstolo era simplesmente regar cuidadosamente aquelas sementes divinas. Mas, corações fechados aos seus interesses mesquinhos e colonizadores, não compreenderam a linguagem do amor temperado pela gratuidade do serviço. Nossa nação sofreu, nossa nação sofre! Talvez, porque ainda alimentamos um coração colonizador, no qual os interesses pessoais em explorar e apossar-se da sacralidade do bem comum se sobressaem àqueles que realmente podem libertar-nos do egoísmo e da tentação de até enganar para conquistar vantagem pessoal em tudo.

Mas neste momento, nossa memória é convidada a acomodar nela os passos firmes de José, com sua paciência e sua esperança ativa. Anchieta teve a coragem – parafraseando o mineiro Guimarães Rosa - de seguir em direção à terceira margem do rio, onde o real encontro acontece. Onde nosso coração descansado esta pronto para colocar nossos barcos novamente em alto mar, costurar os buracos das redes e lançá-las com a confiança de que tal esforço não será em vão.

Passeie hoje, novamente, Apóstolo do Brasil, pelos nossos rincões tão sem esperança. Visite nossos palácios, onde as mesas estão fartas e tomam-se decisões importantes e também nossas periferias e favelas onde se sobrevive com tão pouco mas, aprendeu-se a repartir. Entre em nossas igrejas e ensina-nos como rezar do jeito certo. E não nos deixe esquecer que os índigenas que você tanto amou ainda existem, têm direito ao seu chão e querem viver em paz. Deixe suas pegadas novamente em nossas lindas praias que você tanto contemplou, mas desta vez, poeta apaixonado pelo Reino, não escreva seus belos poemas somente nas areias, escreva-os no coração de cada brasileiro. Ensina-nos, Apóstolo do Brasil, a zelar pela nossa nação, assim como você tanto a protegeu. E a amar o Filho de Maria com todas as nossas forças e fragilidades, com as nossas vitórias e fracassos.

E oggi, attraverso questo semplice opuscolo. Le tue orme arrivano in Italia. Che il tuo coraggio sia nutrimento per tutti quelli che vogliono dare la vita perché il nome di Cristo sia amato di più.

Obrigado São José de Anchieta por conquistar nossa nação para Cristo!